

ANTROPOLOGIA: REVISITANDO OS CONCEITOS

META

Relembrar os principais conceitos trabalhados nesta unidade.

OBJETIVOS

Ao final desta aula o aluno deverá:
ter uma visão panorâmica da Antropologia como ciência que estuda o homem.

PRÉ-REQUISITOS

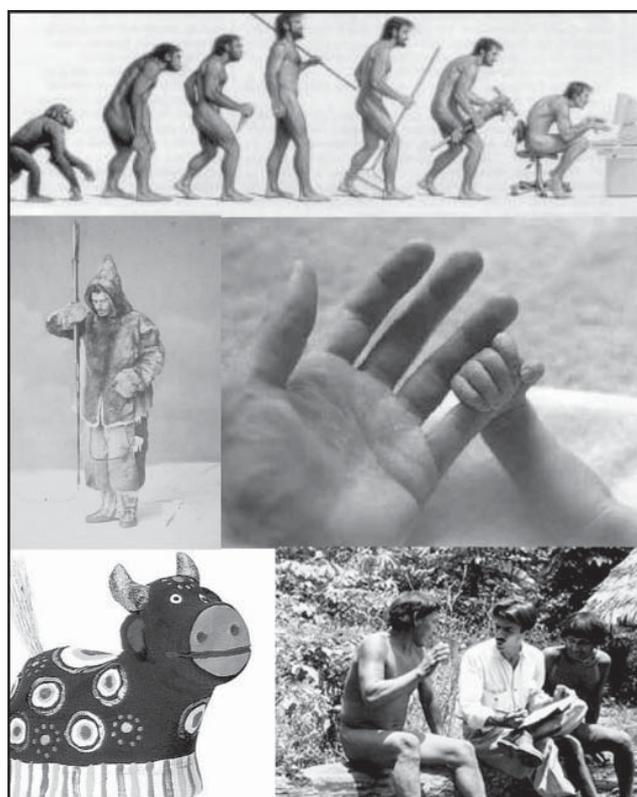
Ter estudado e assimilado o conteúdo das nove aulas da presente unidade.



(Fonte: <http://home.utad.pt>).

INTRODUÇÃO

A antropologia se constituiu em conhecimento com pretensão de cientificidade a partir da segunda metade do século XIX. A caminhada foi longa e implicou muitos acertos, como também muitos equívocos, que foram, na grande maioria, incorporados na condição de fases do processo de aprendizagem. Nesses caminhos e descaminhos na construção da Antropologia é fácil destacar os seguintes pontos: a aceitação, por parte dos primeiros antropólogos, da história como fundamento da prática antropológica; ou a veemente negativa de utilização desse conhecimento nas análises dos antropologistas que sucederam ao grupo de evolucionistas. Outro aspecto importante no processo de construção da Antropologia, e que representou a tônica dos primeiros antropologistas, foi a priorização, nas suas análises, da visão evolucionista e etnocêntrica, desconsiderando a importância da contextualização dos fenômenos culturais e do caráter de totalidade necessários para a eficácia do trabalho científico em ciências sociais. Os conceitos de cultura e de relativização foram os fundamentos da construção teórica da Antropologia, bem como o método comparativo, que continua sendo o arcabouço metodológico que baliza o caminhar das pesquisas.



OBJETO DE ESTUDO

Destacaremos, nesta aula de revisão dos conceitos, dos métodos e das técnicas da Antropologia, os seguintes pontos: a construção do objeto de estudo; os conflitos na utilização do conhecimento histórico nas pesquisas antropológicas; o etnocentrismo, o relativismo e o conceito de cultura como partes do processo de consolidação da antropologia; e a construção do método comparativo e da observação participante no desenvolvimento da pesquisa.

Nas aulas iniciais deste módulo apresentei as etapas do processo de construção da Antropologia. Nesse processo foi apresentado que a Antropologia estuda o homem nos seus contextos sociais e culturais comparando diferentes formas de manifestações. O estudo inicial proporcionou o conhecimento de que a jornada antropológica definiu o homem nativo da América, da Ásia, da Oceania e da África, tratado como “primitivo”, como o seu objeto de estudo. Espero que tenha ficado claro também que a preocupação fundamental da Antropologia e dos antropologistas, naquela oportunidade, era tentar explicar as origens do homem nos seus aspectos étnico e cultural. O objeto de estudo da Antropologia foi, portanto, construído a partir da necessidade de se conhecer o homem que não era conhecido, ou seja, as populações que não pertenciam à civilização ocidental (LAPLANTINE, 2000).

OS CONFLITOS NA UTILIZAÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO NAS PESQUISAS ANTROPOLÓGICAS

O conhecimento histórico foi utilizado no início da Antropologia como parte fundamental. Isto é, como o que se procurava era a reconstituição da origem do homem e, sobretudo, dos seus costumes, regras, leis e religião, a Antropologia precisava desses conhecimentos e assim o fez. Todos os passos da pesquisa antropológica eram orientados para a construção da reconstituição histórica dos chamados povos primitivos. A premissa da metodologia implicava estabelecer uma linearidade histórica desses povos, preocupada em comprovar as teses do evolucionismo cultural, ou seja, de que os povos primitivos eram os ancestrais dos povos europeus, numa linha inexorável, onde os primeiros teriam que passar obrigatoriamente pelas etapas já vencidas pelos civilizados. Contudo, o uso da História não permaneceu como premissa ao longo do processo de construção da Antropologia. A construção do pensamento funcionalista inibiu e até, através de muitos pensadores dessa corrente, impediu o uso da História na pesquisa antropológica. Entendiam esses pensadores que a análise da cultura humana não necessitava do conhecimento histórico, na medida em que o princípio

metodológico demarcador deveria ser a análise sincrônica, totalmente diferente da prática no evolucionismo, que se fundamentava no diacronismo. Tentando deixar mais claras as afirmações acima: no evolucionismo a análise era diacrônica porque procurava o estabelecimento de uma linearidade histórica – dos mais antigos (os primitivos) aos mais recentes (os europeus); enquanto os funcionalistas analisavam sincronicamente os fenômenos culturais, preocupados em vê-los nas suas respectivas totalidades e nos seus cotidianos históricos. Em outras palavras, o fenômeno era analisado no seu acontecer cotidiano.

O ETNOCENTRISMO E O RELATIVISMO

Esses dois conceitos, apesar de antagônicos, fizeram parte da caminhada antropológica em linha necessariamente sucessória. No primeiro, os povos primitivos foram conceituados a partir do conhecimento que o europeu tinha da sua própria cultura. Desse modo fica fácil perceber que o conceito estabelece juízo de valor: os povos primitivos eram considerados inferiores aos europeus e esse julgamento acontecia a partir do modelo de cultura que os europeus entendiam ser o melhor, ou seja, o seu próprio modelo. O outro, na perspectiva etnocêntrica, era tratado como diferente, mas de qualidade inferior. Esse tipo de visão prejudicava, a priori, qualquer possibilidade de análise científica.

Espero que você esteja compreendendo que o ter, ou não ter, cultura, religião, estado, lei, ordem e moral era fruto da visão etnocêntrica do europeu. Nessa visão, o europeu olhava para si mesmo e todo aquele que não correspondesse aos seus padrões, por terem práticas diferentes, era considerado como se fosse inferior e assim era tratado. O etnocentrismo

olha o outro e almeja que ele tenha as suas próprias características, como isso é impossível, o outro é percebido como desprovido de tudo.

O relativismo surgiu com a crítica ao pensamento evolucionista ainda no final do século XIX. Os dois pontos principais dessa crítica foram os seguintes: primeiro, a visão descontextualizada sobre o fenômeno sócio-cultural, não permitindo perceber a totalidade social na qual mesmo estava inserido; segundo, a história linear traçada pelos evolucionistas que colocava os povos denominados de primitivos como o início da cadeia e os europeus eram colocados no topo e tratados como civilizados. A partir dessas críticas os novos antropólogos iniciaram um processo no

qual o fenômeno cultural passava a ser analisado como



(Fonte: <http://www.dominiofeminino.com.br>).

totalidade social, ou seja, cada costume tem o seu contexto e tem que ser analisado em função desse contexto. Dessa forma o antropologista relativiza o fenômeno cultural, considerando as suas peculiaridades e os atores sociais envolvidos no processo. Deixa de haver valores culturais superiores ou inferiores e passa a existir apenas o valor cultural construído e em uso por um determinado grupo social, que atende, plenamente, as necessidades através das funções de cada fenômeno. Relativizar significou, portanto, desconsiderar o mundo do pesquisador como o centro de todas as coisas e passou a considerar cada fenômeno particular como totalidade social.

O CONCEITO DE CULTURA

Afirmei em aulas pretéritas que a construção da Antropologia como ciência se confunde com o processo de construção do conceito de cultura. Antropologia e cultura, portanto, fazem parte de uma mesma caminhada. Apresentei, também, a genealogia do conceito relacionando-a com o processo de construção da ciência antropológica e evidenciando a importância do conceito no âmbito da antropologia. Nesta remissiva dos conceitos não entrarei nos detalhes da sua genealogia, mas convido-o a reler a aula número quatro do presente módulo. Aqui me prenderei apenas ao conceito e a sua importância no contexto da Antropologia.

Quem primeiro conseguiu sintetizar o segunda metade do século XIX, foi Edward Tylor (1871), quando, sendo fiel histórico no qual desenvolvia o seu pensamento cultura como o resultado de comportamentos ressaltando a inexistência de qualquer ligação com a genética dos indivíduos. Outra afirmação de Tylor, contida no mesmo livro, é a de que a cultura é um fenômeno natural, podendo, dessa forma, ser objeto de estudos científicos. Veja a seguir o conceito em Tylor: em seu sentido etnográfico é este todo complexo de conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. (apud LARAIA, 2002, p. 25).



(Fonte: <http://www.vanuatutourism.com>).

A síntese produzida por Tylor foi importante na caminhada do conceito. Por que foi importante? Por dois aspectos fundamentais: primeiro, por confirmar o homem como produtor de cultura; e segundo, por negar a genética como transmissora de cultura. O primeiro aspecto foi fundamental na medida em que inseriu o homem definitivamente no processo de construção. Se durante o Iluminismo havia a predominância do caráter mais geral, ou seja, a humanidade como um todo; agora, com a contribuição da Antropologia, o homem passou a ter destaque, sendo ele próprio o produtor

de cultura. O outro fator também foi fundamental por desmistificar a idéia de que a cultura era transmitida geneticamente. Mesmo que a Antropologia, ao longo da sua história, tenha tentado modificar ou melhorar o conceito de Tylor, é evidente que muito pouca coisa foi acrescentada e ainda hoje prevalecem os princípios fundamentais contidos naquela síntese: o homem é produtor de cultura e a transmite socialmente.

MÉTODO COMPARATIVO E A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A definição do objeto de estudo e a construção do aparato teórico foram fundamentais no processo de construção da Antropologia. Contudo, nenhuma ciência se fez ou se faz sem definição clara dos métodos e das técnicas para o desenvolvimento da pesquisa. A Antropologia não se furtou a esse trabalho e desenvolveu, com os embates óbvios da caminhada, o método e as técnicas fundamentais até os dias de hoje: método comparativo e a pesquisa participante.

Os antropologistas do passado primaram pela busca incessante de métodos e de técnicas que lhes permitissem produzir conhecimentos acerca do homem, que fosse o mais próximo possível da neutralidade. Os dois métodos iniciadores da pesquisa antropológica, ambos desenvolvidos ainda no século XIX, foram o método comparativo puramente histórico, desenvolvido pelos evolucionistas; e o método comparativo desenvolvido por um dos pais da Antropologia – Franz Boas, antropólogo alemão, que viveu entre 1858 e 1942 –, que levava em consideração a necessidade de se conhecer os fenômenos culturais, compará-los e desvendar os processos de construção de cada um dos fenômenos analisados no interior dos seus respectivos contextos históricos.

O método comparativo desenvolvido e utilizado pelos evolucionistas priorizou o registro de costumes e de crenças, todos tratados como curiosos e colocados em estágios de uma presumível linha histórica de evolução. Em termos mais práticos, veja como funcionava o método dos evolucionistas: o pesquisador, normalmente sem sair do seu gabinete, catalogava as informações produzidas por viajantes, militares, administradores, e outros personagens, que se deslocavam das metrópoles européias para as regiões colonizadas (África, Ásia, América e Oceania) e, a partir de uma história linear previamente produzida, na qual o ápice era a própria Europa. Nesse método não havia a preocupação em perceber as conexões entre os costumes catalogados e a totalidade na qual estavam inseridos, prejudicando o resultado da análise.

Na etapa seguinte da Antropologia, final do século XIX, Franz Boas, já erradicado nos Estados Unidos, desenvolveu, de forma muito contundente, críticas ao método dos evolucionistas, entendendo que não bastava apenas

o registro, a catalogação e a comparação com base nas possíveis similitudes, era preciso muito mais para a melhor compreensão do fenômeno cultural. Afirmava o pesquisador alemão que o trabalho antropológico precisava ir além desses registros. Precisava identificar as origens do fenômeno e como eles foram construídos e consolidados nas várias culturas do ambiente humano. Agora, de forma mais científica, os costumes passavam a ser analisados na perspectiva dos seus respectivos contextos históricos, ampliando de forma considerável as possibilidades de maior cientificidade. É sempre bom destacar que a Antropologia contemporânea continua trabalhando com o método comparativo, ou seja, não se faz antropologia sem comparar os fenômenos estudados.

Concluindo esta aula remissiva de conceitos e de técnicas da Antropologia, apresento a técnica da observação participante. Franz Boas e seus seguidores primaram pelo uso da pesquisa de campo. Esses pesquisadores foram pioneiros, desenvolvendo a técnica da observação participante, na qual o antropólogo convive com o grupo social objeto da pesquisa. O contato pessoal do pesquisador com o objeto permite, com total segurança, um relato detalhado dos fenômenos culturais observados e dos atores envolvidos, evidenciando aspectos que ficariam escondidos aos olhos de observadores pouco treinados. A observação participante, mesmo que não seja mais utilizada com o vigor das primeiras décadas, tendo em vista que o universo foi ampliado e agora a cultura urbana tem sido estudada com amplitude, continua sendo instrumento importante na prática da pesquisa antropológica.



ATIVIDADES



Reveja as questões formuladas nas aulas anteriores e procure uma maior fixação das mesmas.

CONCLUSÃO

A Antropologia é uma ciência construída por homens e preocupada fundamentalmente em estudar o homem no seu fazer cultural. O objeto de estudo, as teorias com os seus conceitos, os métodos e as técnicas são instrumentos de uma ciência que continua – como todas as ciências – em processo constante de sempre se (re) fazer. O fundamental – e foi isso que tentamos passar neste primeiro módulo – é tentar compreender a Antropologia como instrumento de compreensão do homem. Não pode, e compreendemos que não deve, ser pensada como ciência nos rigores estabelecidos pela visão cartesiana, mas como uma ciência na qual pesquisador e pesquisado são o próprio homem. Até o próximo módulo!

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Celso (Org.). **Evolucionismo Cultural**: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- _____. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2004.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.
- LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.